

Teatro Dom Roberto inscrito no inventário do património imaterial português // Ernesto de Sousa e o Teatro Dom Roberto // Marionetas, Robertos, Bonifrates, Titeres, Fantoques?

No Museu // Estudiosos da Marioneta em Portugal // Exposições e edições do Museu da Marioneta // O centro de documentação do Museu da Marioneta // Entrevista a Rute Ribeiro //

A acontecer no Museu // Visita temática // Peddy papper // Manhã Criativa **No Mundo das Marionetas** // Formações / Festivais



Editorial

// Exposição itinerante de teatro Dom Roberto
Fotografia Museu da Marioneta

Setembro é sempre um mês particularmente preenchido na vida de um museu. Mês de reinícios depois das férias, de regresso das escolas ao museu, de recomeço de programação para públicos muito diversos. Este ano, é também um mês especial, com o reencontro de equipas que há quase um ano estavam em regime de teletrabalho. Durante estes estranhos tempos o museu não parou e houve um espaço e um tempo de reflexão para desenhar novas programações, nomeadamente em contextos não presenciais. Foi durante os meses de confinamento que nasceu a **Notícias da Marioneta** e que se desenvolveram projetos como **'Mãos por um Fio'**, um conjunto de pequenos filmes (de cinco a dez minutos) sobre marionetistas portugueses.

Este terceiro número da Notícias da Marioneta é consagrado à marioneta portuguesa e aos estudiosos da Marioneta em Portugal. A partir da segunda metade do século XX o teatro de marionetas, até então considerado sobretudo uma prática popular e lúdica, praticada por artistas ambulantes, adquire um reconhecimento junto de um universo cultural e artístico que, até então, praticamente não valorizava o teatro de marionetas como uma prática artística. Este reconhecimento traduz-se nomeadamente na inscrição, em julho deste ano, do Teatro Dom Roberto, no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial, bem como nos vários estudos que surgiram ao longo do século XX e que hoje já integram o universo académico. Intemporal e multicultural, o mundo da Marioneta agrega múltiplas artes e tem um poder de mediação inesgotável. Bem vindos ao Museu da Marioneta!

Ana Paula Rebelo Correia
Diretora do Museu da Marioneta



// Exposição **Robertos** - Histórias de um teatro itinerante, Museu da Marioneta, 2017
Fotografia de José Frade

TEATRO DOM ROBERTO

INSCRITO NO INVENTÁRIO DO PATRIMÓNIO IMATERIAL PORTUGUÊS

Após uma década de intenso trabalho e persistência, o Teatro Dom Roberto integrou finalmente o Inventário do Património Cultural Imaterial. É um passo muito significativo para o reconhecimento da arte da marioneta em Portugal e o culminar de um longo processo, onde muito se empenharam o Museu da Marioneta e os marionetistas portugueses.

A Direção Geral do Património Cultural (DGPC) reconheceu no Teatro Dom Roberto a “importância da manifestação do património cultural imaterial enquanto reflexo da identidade do grupo em que esta tradição se originou e se pratica, traduzida em práticas transmitidas intergeracionalmente, com recurso privilegiado à oralidade e à observação e participação direta”
O Teatro Dom Roberto é um tipo de teatro de marionetas itinerante, de cariz popular, que pode ser feito em qualquer data e local, mas que tradicionalmente, e porque sendo itinerante é essencialmente no exterior, se realizava na primavera, verão e inícios do outono nas praias, jardins e praças públicas, integrando muitas vezes feiras e mercados.

O “palco” é constituído por uma pequena barraca de pano - a guarita -, sustentada por uma estrutura de madeira, onde, escondido no interior, o bonecreiro manipula e dá voz às marionetas de luva. Uma das principais características é o som da voz, e distorcido através do uso da palheta, um pequeno objeto que

o bonecreiro coloca na boca para tornar a voz mais estridente. O repertório relacionava-se, muitas vezes, com histórias ligadas ao quotidiano das aldeias e vilas por onde passavam. De caráter satírico, destinado a fazer rir as pessoas, a manipulação das marionetas é feita a um ritmo veloz, para captar constantemente a atenção do público.

Assim que o espetáculo começa, surge a interação com o público. As marionetas de luva interagem entre si, contam histórias em que todos se identificam. Ao longo do desenrolar da peça aumenta a comunicação com o público, e esta interação é uma das características que mais contribuiu para o sucesso do teatro de Robertos. Numa mesma sessão o bonecreiro pode conjugar várias pequenas histórias, uma vez que nenhuma dura mais do que 10 minutos.

As peças dirigem-se a todos, crianças, jovens e adultos, e no intervalo, que, só no fim do espetáculo, quando o bonecreiro sai da barraca para a agradecer, descobre que as múltiplas figuras das peças são manipuladas apenas por uma pessoa!



// António Dias na feira de Santarém. Ca 1960 | Fotografia de Henrique Delgado
Coleção Museu da Marioneta

ERNESTO DE SOUSA E O TEATRO DOM ROBERTO

No ano em que se comemora o centenário do nascimento de Ernesto de Sousa, escolhemos fazer referência apenas a uma das suas múltiplas valências, a de cineasta, autor do filme *Dom Roberto*.

Com argumento de Leão Penedo, escritor neorrealista (autor da obra “Caminhada” que se desenrola no Convento das Bernardas, onde hoje se encontra o Museu da Marioneta), *Dom Roberto* conta a história de um bonecreiro, protagonizado por Raúl Solnado. João Barbela, assim se chama o marionetista, passa grandes dificuldades económicas, a ponto de não conseguir pagar o quarto que tinha arrendado. Numa noite em que dorme na rua, cruza-se com Maria (Glicínia Quartin), também atravessando um momento difícil. Nasce, assim, um amor entre os dois que vai sobrevivendo às adversidades.

O Mestre António Dias foi o “duplo” de Raúl Solnado nas partes em que este manipulava os bonecos e dava espetáculos na rua. Na verdade, foi em António Dias que Ernesto de Sousa se inspirou. As dificuldades vividas por João Barbela são, de facto, as dificuldades sentidas pelo Mestre Dias.

Segundo José Gil, para Ernesto de Sousa, sob muitos aspetos António Dias contribuiu para a conceção e compreensão do seu filme.

No filme Teatro Dom Roberto, José Gil [fala](#) do papel importante que o filme *Dom Roberto* teve na recuperação do teatro de

Robertos. O Teatro Dom Roberto “ganha uma projeção que nunca mais vai perder” graças ao filme de Ernesto de Sousa. É o nascimento do Cinema Novo Português, uma espécie de fusão entre a *Nouvelle Vague* francesa e o neorrealismo, que antecederá outros filmes de destaque, como *Verdes Anos* de Paulo Rocha.

Antes de ser realizador, Ernesto de Sousa foi crítico de cinema. Talvez por isso os colegas não o pouparam à crítica (“Filme esperança – constituía mais uma desilusão para todos nós”; “Foi arrogante, pretensioso”). Arrasado pela crítica e pelo público português, viria a ter o devido reconhecimento no estrangeiro, onde a crítica foi muito favorável: “Somos nós que o saudamos, Ernesto de Sousa, e que prestamos homenagem à honestidade, à luminosidade, ao seu talento”.

Tão favorável foi essa crítica que, no Festival de Cannes do ano seguinte ao seu lançamento, ganhou o Grande Prémio da “Jovem Crítica” e o Prémio da Associação de Cinema para a Juventude. Ernesto de Sousa não pôde estar presente por ter sido preso pela PIDE.

Sabia que:

O filme *Dom Roberto*, de Ernesto de Sousa, foi de extrema importância para o teatro de marionetas que, pela primeira vez, é tema de uma obra cinematográfica. Por este motivo é considerado um documento histórico nesta área. José Gil, no seu livro *O salão de Alcobaça e os novos palheta*, refere que a peça *O Castelo Fantasma* (uma das quatro histórias do repertório do teatro Dom Roberto) foi recuperada graças ao genérico do filme, pois por trás das letras do genérico, todo o espetáculo é reproduzido em grande plano.



1/ Espetáculo *O Castelo dos fantasmas*, 1983 2/ Cartão promocional do filme *Dom Roberto*, 1962 // Fotografias do livro *O salão de Alcobaça e os novos palheta*, de José Gil. Edição Museu da Marioneta, 2013

MARIONETAS, ROBERTOS, BONIFRATES, TÍTERES, FANTOCHES?

Em Portugal, as representações com marionetas estão documentadas a partir do século XVI e o termo utilizado nessa altura era Bonifrate.



Teófilo Braga, na História do *Theatro Portuguez*, refere que no século XVI, a palavra “Bonifrate” surge na comédia *Ulyssipo*, de Jorge Ferreira de Vasconcelos, e acrescenta que o teatro de marionetas em Portugal recebeu uma designação própria, a de ‘bonifrate’, nome dado na época a figuras movidas por cordéis, que representavam, nas tabernas e em estalagens, cenas dos Mistérios da Paixão.

‘Bonifrate’ é uma palavra que resulta do latim *bónus + frater* - “bom irmão”, eventualmente por referência aos monges itinerantes que divulgavam o conhecimento e os bons conselhos pelos mosteiros e terras, tal como faziam os bonecos articulados das representações litúrgicas, exaltando a vida de Cristo e mais tarde passando mensagens subliminares. Em 1968, Henrique Delgado escreve um artigo na revista *Plateia*, sobre “A importância de se chamar bonifrate”, onde refere que o nome de bonifrate surgiu em Portugal associado aos “titeres que serviam a Igreja” e que, apesar de a palavra “bonifrate” ser de origem medieval e religiosa, é comumente utilizada no século XVIII, em óperas cómicas no Teatro do Bairro Alto.

Também Christine Zurbach, no seu estudo *A presença do teatro de marionetas em Portugal hoje*, refere que o teatro de marionetas em Portugal tem uma história que remonta ao teatro de “bonifrates”, no qual os espetáculos de teor religioso tiveram um lugar relevante, e que é no teatro barroco do século XVIII que, a par da ópera e dos presépios, o teatro de marionetas se destaca e se afirma enquanto espetáculo destinado a um público de teatro.

O termo ‘Roberto’ surge mais tarde e, curiosamente, não há referências muito concretas à sua origem. Existem, no entanto, duas explicações, embora nenhuma delas com um fundamento irrefutável. A primeira, refere-se ao nome de uma comédia de cordel que alcançou um grande sucesso em 1863, “Roberto do Diabo”, baseada na história do Grande Roberto, Duque da Normandia e Imperador de Roma; a segunda, recorre ao nome do empresário Roberto Xavier de Mattos que, em 1813, dirigia o Teatro do Bairro Alto. Na verdade, com exceção do nome Roberto, não há nada que possa confirmar estas influências.

No livro *O Saloio de Alcobaça e os novos Palheta*, José Gil considera que ambas as hipóteses são possíveis, devido à proximidade dos acontecimentos e refere que terá sido a junção de ambas que popularizou o nome por todo o território. A verdade é que, a partir do século XIX, o termo “Robertos” já é utilizado para o teatro popular de marionetas de luva em Portugal, comumente chamado de teatro de fantoches.

A palavra ‘Fantoche’ terá origem no termo italiano “*fantoccini*”, que gerou o termo francês “*fantoche*” que integrou a língua portuguesa.

Já o termo ‘Marioneta’ terá a sua origem no diminutivo *Marion*, nome que na Idade Média era dado, familiarmente, à Virgem Maria. Nesta altura, muitas manifestações religiosas, teatros e procissões, tinham bonecos articulados que eram utilizados para representar figuras sagradas e pequenas narrativas.

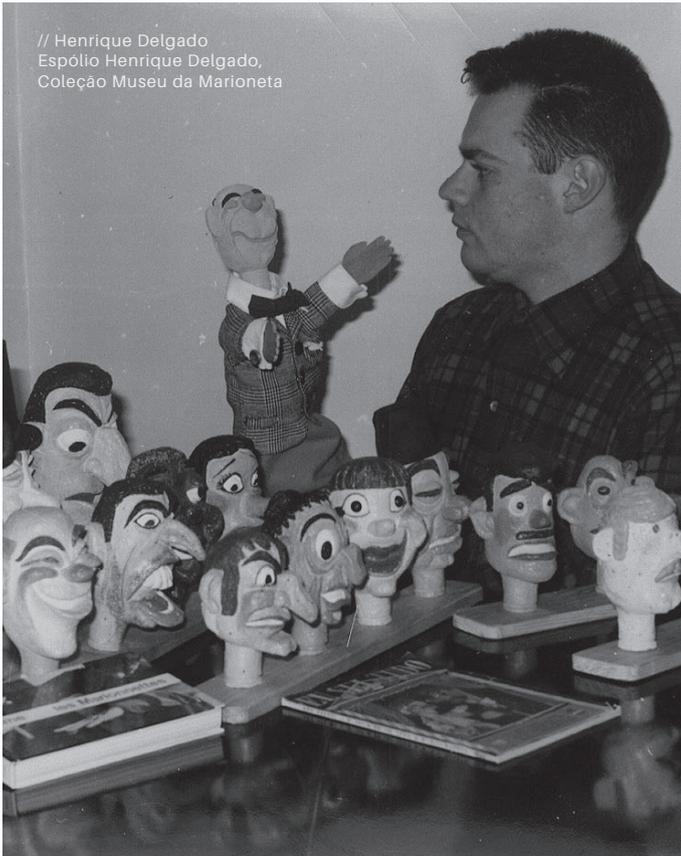
Como vemos, várias foram as terminologias utilizadas ao longo dos tempos para definir uma tipologia de bonecos articulados associados a uma representação teatral. Daí encontrarmos vários termos que se referem à mesma entidade: a marioneta, embora as suas tipologias e técnicas de manipulação sejam diferentes.

MAS O QUE É UMA MARIONETA?

Apenas um ser inanimado que ganha vida através do seu manipulador? Ou um mediador de múltiplas artes e diálogos? Como a definimos nos nossos dias?

Segundo a UNIMA (União Internacional da Marioneta), “marioneta” é o termo aglutinador de todos os outros que se referem às construções de seres inanimados, manipulados por outrem. Assim, bonifrate, titere, roberto, fantoche, bonecro, apesar das suas especificidades, são tomados no seu aspeto global e designados por marionetas. O termo marioneta é utilizado genericamente para descrever figuras inanimadas, concebidas a partir dos mais variados materiais, destinadas a ser manipuladas pelo homem como forma de arte visual e dramática. A marioneta precisa da vida e da imaginação de quem a manipula, para verdadeiramente existir como marioneta. A sua ação é polifónica, lúdica, poética, dramática, filosófica, satírica, entre tantas outras manifestações da alma humana. A Marioneta é em si arte popular e arte performativa, é folclore, rito e magia, ensino e diversão, ela tem o poder de fascinar como arte visual e dramática.

NO MUSEU



// Henrique Delgado
Espólio Henrique Delgado,
Coleção Museu da Marioneta

ESTUDIOSOS DA MARIONETA EM PORTUGAL

Ao longo do século XX têm sido vários os estudiosos que se têm debruçado sobre a arte da marioneta. Embora ainda haja um vasto campo de investigação a percorrer, são incontornáveis os estudos de Henrique Delgado, Alexandre Passos, Francisco Esteves, Christine Zurbach ou Rute Ribeiro.

Henrique Delgado foi um pioneiro no estudo das marionetas e é uma figura muito importante pelos levantamentos que, muito jovem, realizou sobre a história do teatro de marionetas em Portugal. Foi dos primeiros a interessar-se, numa perspetiva de estudo sistemático e análise crítica, pelo Teatro Dom Roberto, sobre o qual desenvolveu um trabalho exaustivo, acompanhando a vida de diversas companhias de bonecreiros populares ambulantes, que se deslocavam pelo país para se apresentarem nas feiras, em pavilhões desmontáveis, nas praias e nas praças das localidades onde chegavam.

Henrique Delgado entendeu a dimensão social desta arte acessível a todos e a ele se deve não só a valorização artística e social dos bonecreiros populares, mas também a aplicação pedagógica da marioneta. O seu estudo foi realizado em finais dos anos sessenta início da década de setenta, numa época de transição, com grandes mudanças sociais e culturais em Portugal, que

ditaram o progressivo desaparecimento dos ‘bonecreiros’ ambulantes. Henrique Delgado é dos primeiros a interessar-se pela história dos vários marionetistas nacionais, e a valorizar a arte da marioneta. Os seus estudos são publicados em revistas e jornais da época, principalmente na revista *Plateia*, que tem uma secção intitulada ‘Bonifrates’. Delgado acompanha os marionetistas nacionais e também os marionetistas estrangeiros que vêm atuar em Portugal, estabelecendo uma correspondência regular com importantes marionetistas e investigadores internacionais, como A. R. Philpott ou George Speaight, entre outros. Esta rede de contactos foi fundamental para divulgar a nível internacional o teatro de marionetas português, até então praticamente desconhecido. Hoje, os estudos de Henrique Delgado são fundamentais para o conhecimento da arte da marioneta em Portugal.

Henrique Delgado nasceu a 22 de fevereiro de 1938 em Lisboa.

Em 1963 inicia o seu trabalho nos serviços administrativos na CAL - Companhia das Águas de Lisboa, atual EPAL, sob a orientação de Henrique Trindade, um apaixonado pelo teatro de marionetas, que estava empenhado no desenvolvimento artístico e cultural da Casa do Povo da referida empresa, que se tornará seu amigo e colaborador e o fará interessar-se pelo teatro de marionetas, com a fundação do grupo de fantoches Robertoscope, uma iniciativa dirigida ao público infantil. Cria também a sua própria companhia, o Teatro Lilipute. Em 1968 tornou-se membro da British UNIMA e da UNIMA France, tornando-se colaborador e correspondente de diversas revistas da UNIMA, da revista *Puppet Post*, dirigida por Philpott, pertencente à Associação inglesa *Educational Puppetry Association (EPA)*, na *The Puppet Master: the Journal of British Puppet and Model Theatre Guild*, nas revistas alemãs *Perlicko-Perlacko* e *Figurentheater*, entre outras.

Alexandre Passos é também um dos grandes estudiosos de marionetas portuguesas, com um trabalho sistemático e rigoroso de recolha de reportórios e documentação sobre o que se julga ser o registo mais antigo do teatro de marionetas no nosso país: os ‘Bonecos de Santo Aleixo’.

Foi a partir de 1967 que os Bonecos de Santo Aleixo foram dados a conhecer por Michel Giacometti e Henrique Delgado. Em 1978, a Assembleia Distrital de Évora adquiriu todo o material do Mestre Talhinhas (último manipulador de uma geração antiga) e iniciou o projeto de conservação dos Bonecos de Santo Aleixo. O Centro Cultural de Évora ficou depositário de todo o espólio, e a recolha do reportório iniciou-se em 1980 com os ensaios de manipulação dirigidos por Mestre Talhinhas, trabalho que foi concluído durante o ano de 1994, com a recolha de todos os textos tradicionais realizada por Alexandre Passos acompanhado por Manuel Costa Dias.

Alexandre Passos deu-nos a conhecer a genealogia da família dos Nepomoceno detentora dos Bonecos de Santo Aleixo (meados do século XIX), bem como o reconhecimento do trabalho de Manuel Jaleca e Mestre Talhinhas, “últimos” proprietários e manipuladores dos Bonecos de Santo Aleixo, antes do processo de transmissão para o CENDREV - Centro Dramático de Évora.

António Talhinhas assegurou a transmissão do reportório de peças e músicas para as mãos e as vozes de novos marionetistas, alunos e atores. Atualmente, o Centro Dramático de Évora garante e assegura a continuidade desta expressão artística alentejana.

Em 1999, Alexandre Passos publicou o estudo *Bonecos de Santo Aleixo, A sua (Im)possível história, As marionetas em Portugal nos séculos XVI e XVIII e a sua influência nos títeres alentejanos*, obra de referência para o conhecimento do Teatro de Marionetas em Portugal.

Outra figura da referência na preservação da arte da marioneta em Portugal, foi **Francisco Esteves**, ator profissional que se dedicou com empenho à divulgação do teatro de marionetas.



// Bonecos de Santo Aleixo / Coleção Museu da Marioneta

Colaborou no Teatro Robertoscope e integrou um grupo de intelectuais que tentou formar um grupo de teatro de marionetas na Sociedade Nacional de Belas Artes (SNBA). Deste grupo faziam parte, entre outros, Mário Cesariny, Almada Negreiros, Artur Bual e Natália Correia.

Enquanto diretor da Casa da Comédia, Francisco Esteves promoveu diversas iniciativas que se revelaram fulcrais para a preservação da arte da marioneta portuguesa, entre elas a apresentação em Lisboa dos Bonecos de Santo Aleixo e o I Concurso Nacional de Marionetas.

A criação do FAOJ - Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, que vai estar na origem dos Encontros Nacionais Juvenis de Teatro de Fantoques, foi também um passo importante no reconhecimento da arte da marioneta. A partir desta altura, nota-se um novo interesse pelo teatro de marionetas. Organizam-se cursos livres e diversas ações de formação, surgem novos marionetistas e grupos de teatro de marionetas. A marioneta começa a atuar em escolas, centros e associações diversas. Francisco Esteves dá os primeiros passos no campo da marioneta como mediadora em diversas terapias, tanto em áreas de reabilitação física como no âmbito das doenças mentais, colaborando com o Centro de Reabilitação de Alcoitão, o Centro Hellen Keller e o Hospital Miguel Bombarda.

João Paulo Seara Cardoso, estudioso e marionetista, detentor de uma formação e experiência pouco comuns na área das marionetas, estudou no *Institut National d'Éducation Populaire* e no *Institut International de la Marionnette*. Ao longo da vida, investigou e dinamizou a arte da marioneta, que aprendeu inicialmente com o Mestre António Dias, o último bonecreiro pertencente a uma longa tradição de marionetistas ambulantes. Através do conceito de marionetas que criou, João Paulo Cardoso conciliou a continuidade da marioneta portuguesa tradicional, e a sua inovação e relação com outras artes. Destacou-se nomeadamente pela reconstrução do tradicional teatro Dom Roberto (inspirando gerações mais novas), enveredando mais tarde por uma via experimentalista, sempre em busca de uma ponte entre a tradição e a modernidade.

Christine Zurbach, investigadora e docente da Universidade de Évora, elegeu as marionetas como uma das suas áreas de estudo, promovendo desde 1997 os Seminários Internacionais da Marioneta, projeto de enorme valia no âmbito da divulgação, estudo e investigação da arte da marioneta em Portugal. Integrandu a arte da Marioneta num campo de investigação equivalente ao das outras artes, abriu uma linha de investigação em estudos teatrais no Centro de História de Arte da Universidade de Évora - CHAIA, e uma licenciatura em estudos teatrais com uma disciplina opcional de iniciação ao Teatro de Marionetas. Assiste-se assim, a partir do último terço do século XX, à publicação de estudos em várias áreas ligadas à arte da marioneta, consolidando a sua presença no universo académico, facto que tem contribuído para o reconhecimento e preservação desta arte.

Aos poucos a marioneta ganha destaque no universo académico. Em 2016, **Miguel Falcão e Catarina Firmo** coordenam a primeira Pós-Graduação em Marionetas e Formas Animadas na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Lisboa - ESELX.

Este crescente interesse académico pelas artes da marioneta tem acompanhado o reconhecimento nacional e internacional do teatro de marionetas através da participação portuguesa no circuito de Festivais mundiais.

Nas duas primeiras décadas do século XXI, houve um fortíssimo incremento do trabalho em torno da marioneta em Portugal, com a crescente internacionalização de vários projetos e companhias, e sobretudo com a organização de importantes festivais e encontros, com o *FIMO* (Festival Internacional de Marionetas de Ovar), o *FIMFA* (Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas), a *BIME* (Bienal Internacional de Marionetas de Évora), o *Encontro de Marionetas* (Encontro Internacional de Marionetas), o *Encontro de Marionetas de Montemor-o-Novo*, o *ESTAR* (Encontros de Teatro e Animação de Rua), o *Festa da Marioneta Artemrede*, o *FIMP* (Festival Internacional de Marionetas do Porto), o *FOME* (Festival de Objetos e Marionetas), o *MALUGA* (Festa da Marioneta Luso-Galaica), o *Mar-Marionetas*, o *MÓ* (Festival de Marionetas de Oeiras); entre muitos outros.

Nestes festivais, distribuídos pelo país, trocam-se experiências, saberes e informações e este confronto tem criado desafios técnicos, artísticos e criativos fundamentais para a afirmação da arte da marioneta em Portugal.

Ao longo destas duas décadas, o Museu da Marioneta de Lisboa teve um papel fundamental não só através da divulgação do seu acervo na exposição permanente, mas sobretudo através das exposições temporárias e de diversas publicações, bem como no apoio a marionetistas e companhias que atuam no seu espaço. Esta ação tem sido um contributo relevante para a divulgação da diversidade de abordagens artísticas ligadas ao teatro de marionetas.

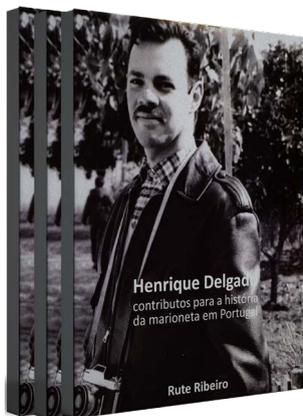
O prémio Henrique Delgado

Em 2019, por iniciativa da companhia A Tarumba e com o apoio da DGARTES, foi lançado o Prémio de Mérito Cultural Henrique Delgado que pretende prestar reconhecimento a personalidades, estruturas ou instituições, que tenham desenvolvido um trabalho determinante para o reconhecimento das artes da marioneta, contribuindo para o seu conhecimento, aperfeiçoamento e visibilidade.

Na primeira edição, em 2019, o prémio foi entregue ao jornalista João Carneiro, jornalista e crítico de teatro do Expresso. A segunda edição está prevista para outubro/novembro de 2021.



1/Branca-Flor - O teatro de Lília da Fonseca, 2007 2/A trabalhar para o boneco - 18 anos na vida dos SA marionetas, 2015
3/Máscaras Portuguesas - O ciclo de inverno, 2014 4/Robertos - Histórias de um teatro itinerante, 2017 // Fotografias de José Frade



Ao longo de 20 anos, o Museu da Marioneta organizou diversas iniciativas que ajudaram a aprofundar o conhecimento de algumas companhias através da realização de exposições temporárias como: *Branca-Flor - O teatro de Lília da Fonseca* em 2007, *Os Fios da Tarumba* em 2010, *A trabalhar para o boneco - 18 anos na vida dos SA marionetas* em 2015, *Máscaras Portuguesas - O ciclo de inverno* em 2014, *Robertos - Histórias de um teatro itinerante* em 2017.

O Museu tem tido também uma forte presença na edição de estudos sobre o tema, dos quais destacamos “Henrique Delgado - Contributos para a história da marioneta em Portugal” de Rute Ribeiro, publicado em 2011, ou “O Saloio de Alcobaça e os novos Palhetas” de José Gil, em 2013, para além da edição dos catálogos que acompanham as exposições temporárias.

// *Henrique Delgado - Contributos para a história da marioneta em Portugal*
Rute Ribeiro, Edição Museu da Marioneta, 2011

Publicações MM

O CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO DO MUSEU DA MARIONETA

No Centro de Documentação do Museu pode consultar o espólio documental de dois dos grandes investigadores do teatro de marionetas em Portugal: Henrique Delgado e Alexandre Passos. Um acervo documental que agrega material fotográfico e manuscritos inéditos doados ao museu.



// Desenhos de figurinos das marionetas para ‘A História Mais ao Menos Verdadeira dum Senhor e dos Seus Dois Criados’, de Carlos Chagas Ramos. Coleção Museu da Marioneta



// Rute Ribeiro
Fotografia Alípio Padilha

RUTE RIBEIRO

Rute Ribeiro é marionetista, encenadora, programadora e codiretora artística da companhia A Tarumba e do FIMFA Lx - Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas.

Licenciada em História pela Universidade Autónoma de Lisboa, 1991-95, tem também uma graduação em Artes/Teatro e Teoria, pelo Instituto Politécnico de Lisboa (2013). Trabalha no teatro de marionetas desde 1991, tendo apresentado inúmeros espetáculos em festivais internacionais. Tem várias obras publicadas no domínio do Teatro de Marionetas. Muito ativa na área da Arte da Marioneta, é autora do livro sobre Henrique Delgado, publicado em parceria com o Museu da Marioneta.

Passados 10 anos da publicação do seu livro - *Henrique Delgado, Contributos para a História da Marioneta em Portugal*, como vê atualmente o campo de investigação na arte da Marioneta em Portugal?

A publicação do livro dedicado à importante investigação de Henrique Delgado tinha como objetivo dar a conhecer o seu trabalho, realizado entre 1966 e 1971, ano da sua morte precoce, e que se encontrava disperso por várias publicações periódicas, para além de conter também vários textos inéditos. Pretendia-se igualmente que servisse de rastilho para futuras pesquisas e que atraísse mais investigadores para este domínio. No final de um dos seus artigos, Henrique Delgado afirmava em 1971: “uma conclusão, porém, podemos tirar em relação ao tema agora abordado: é que, entre nós, está tudo por fazer. E já vai sendo tempo de se começar a pensar no assunto. Mais vale tarde do que nunca.”

Felizmente já foram dados passos essenciais que têm contribuído para o estudo desta arte e fomentado a curiosidade de especialistas e jovens investigadores, como, por exemplo, a recente inscrição do Teatro Dom Roberto no Inventário do Património Cultural Imaterial; o lançamento do livro *Marionetas e Formas Animadas: Teorias e Práticas*, coordenado por Miguel Falcão e Catarina Firmo, em 2018; o reconhecimento por parte do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CET) da especificidade das artes da marioneta no contexto dos estudos teatrais, com a criação de um grupo de trabalho, com um projeto transversal às linhas de investigação em “Discursos Críticos nas Artes Performativas”, “História do Teatro e do Espetáculo” e “Teatro e Imagem”; a abertura da Pós-Graduação em Marionetas e Formas Animadas (PGMFA), na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de

Lisboa (ESELx), em 2016; na Universidade de Évora, realce para o Mestrado em Teatro, que incluiu o Ramo de “Actor-Marionetista”, entre 2014 e 2016, para além do trabalho de investigação realizado por Christine Zurbach e José Alberto Ferreira, e do Centro de História de Arte e Investigação Artística (CHAIA); em 2019 foi lançada a 1ª edição do Prémio de Mérito Cultural Henrique Delgado por iniciativa da A Tarumba/FIMFA, em que, para além do seu papel de homenagem, pretende também impulsionar ou apoiar a investigação.

Mais nomes e trabalhos haveria a salientar, mas o espaço não o permite. Agora o que considero absolutamente necessário é a existência de mais iniciativas que captem o interesse de investigadores de várias áreas por este campo performativo, bem como de apoios que permitam o desenvolvimento, publicação e divulgação dos trabalhos de investigação. Ainda há muito por fazer.

Como vê o reconhecimento desta arte a nível nacional e internacional?

Penso que o reconhecimento é cada vez maior nacional e internacionalmente, embora persistam ainda traços dos velhos preconceitos associados à marioneta, em que muitos a associam apenas ao público infantil, a mero entretenimento ou a uma forma de arte secundarizada, mas estas ideias antigas têm vindo a diminuir. Para isso tem contribuído o número crescente de companhias e criadores portugueses a trabalhar nesta área ou a utilizar a marioneta em projetos com cruzamentos disciplinares, ou o trabalho de investigação que tem vindo a ser desenvolvido. Os festivais têm igualmente tido um papel fundamental, como o FIMFA Lx - Festival Internacional de Marionetas e Formas Animadas, o FIMP - Festival Internacional de Marionetas do Porto ou a BIME - Bienal Internacional de Marionetas de Évora, entre outros, que existem no país. Impossível referir todos os artistas e festivais aqui. Imagine-se o que se poderia fazer com mais apoios.

Mas falar de marionetas na atualidade é também falar da marioneta contemporânea e do seu lado abrangente de conjugar várias artes. Hoje em dia prefiro utilizar a designação de “artes da marioneta”, pois este conceito abrange a diversidade atual, incluindo a sua aproximação a várias disciplinas artísticas, em todas as suas formas e técnicas, sombras, objetos, marionetas de luva, de fios, antropomórficas ou abstratas, e a animação de vários materiais, imagens, sons. Esta ideia tem sido muito desenvolvida em França, onde têm sido realizadas algumas das iniciativas mais interessantes e importantes na marioneta e no papel do marionetista, como a criação do *label national pour les arts de la marionnette*, que constitui o reconhecimento de uma profissão e de uma arte, mas também em apoios, em números de companhias, de festivais, entre outros.

Importa ainda referir que é em Charleville-Mézières, que fica o *Institut Internationale de la Marionnette* (IIM), a *École Nationale Supérieure des Arts de la Marionnette* - ESNAM, a sede da UNIMA (União Internacional da Marioneta) e onde se realiza o *Festival Mondial des Théâtres de Marionnettes*.

No campo da investigação internacional e que mostra o reconhecimento da marioneta, tenho de referir, mais recentemente, o Projeto Europeu *PuppetPlays* (2019-2024), um programa de pesquisa sobre a escrita teatral para marionetas, vencedor do concurso *Advanced Grant* 2018 do Conselho Europeu de Investigação (ERC), financiado pela União Europeia, liderado por Didier Plassard, professor titular dos Estudos de Teatro na Universidade Paul Valéry (Montpellier, França), que pretende reunir um conjunto exemplar de peças para marionetas da Europa Ocidental, séculos XVII-XXI, em que Portugal também está incluído, entre outras temáticas. Mas haveria muitos outros exemplos a destacar, como a presença em importantes festivais de teatro internacionais, na arte e em projetos mais avançados tecnologicamente. Já para não falar no cinema, lembrando o papel de destaque de uma marioneta no filme de Leos Carax, *Annette*, que abriu o Festival de Cannes 2021.

A ACONTECER NO MUSEU

EXPOSIÇÃO

O PECULIAR CRIME DO ESTRANHO SENHOR JACINTO

Todos, 17 de julho
a 5 de setembro 2021

MONSTRA - Festival de Animação
de Lisboa

Informações e reservas

VISITAS ORIENTADAS

O PECULIAR CRIME DO ESTRANHO SENHOR JACINTO

Todos, 4 de setembro, 10h30 e 15h00

Visitas orientadas pelo serviço
educativo do Museu da Marioneta,
com visionamento do filme.

Informações e reservas

VISITA TEMÁTICA

MARIONETAS PORTUGUESAS

Adultos, 18 Setembro, 10h30

Uma visita em torno da coleção do
Museu da Marioneta, para conhecer
a história das marionetas portuguesas
e os seus segredos.

Informações e reservas

LISBOA NA RUA / DANÇAR A CIDADE

DANÇAS DO CARIBE

19 de setembro, 17h00

Os ritmos mais populares do Caribe,
do mais fácil ao mais exigente: Merengue
& Bachata, Salsa & Cha cha chá!
Apesar de tanta variedade, será uma
aula à prova dos maiores pés-de-chumbo
e um convite para todos dançarem!

Informações e reservas

PEDDY PAPPER

A SUBIR E A DESCER, A MADRAGOA VAMOS CONHECER

Famílias, 25 e 26 setembro,
a partir das 10h00

Especial Jornadas Europeias do
Património 2021. Um divertido puddy
paper, para descobrir em família o
bairro da Madragoa.

Informações e reservas

MANHÃ CRIATIVA

ABSTRACTIONETA

Famílias, 26 setembro, 10h30

Vamos relacionar marionetas africanas
com obras de Pablo Picasso para criar
uma marioneta articulada bidimensional:
vai nascer uma abstractioneta!

Sujeita a marcação prévia

Informações e reservas

NO MUNDO DAS MARIONETAS

FESTIVAIS

**É SÓ PALHETA - 1º Encontro
de Teatro Tradicional Dom Roberto**
Jardim da Anta em Agualva
e Casa da Marioneta de Sintra
10, 11 e 12 de setembro

Há melhor maneira de celebrar
a inscrição do Teatro Dom Roberto
no Inventário Nacional do Património
Cultural Imaterial?

Programa

**Festival Internacional da Máscara
Ibérica / Festival Lisboa na Rua**
4 de setembro, 18h00

Programa

**FOME - Festival
de Objectos e Marionetas**
Albufeira, Faro, olhão e Tavira
de 4 a 25 de setembro

Programa

World Puppet Festival
Charleville- Mézières
de 17 a 26 de setembro

Programa